



Emily • the Road of a Thousand Winds

Capítulo II: A Estrada & as Primeiras Lições

PT

Despojada das suas ilusões pelo pó implacável da estrada aberta, uma nova viajante tem de aprender rapidamente a poesia dura e indiferente da sobrevivência.



Com um último olhar para as folhas prateadas das oliveiras e a terra cor de ferrugem das Terras da Caldeira, Emily pisa a estrada aberta. Ela está a deixar para trás a bela e sufocante história de mil gerações. A paisagem expande-se diante dela, aterradora e maravilhosamente indiferente.



As colinas em redor de Alcaverde explodiram numa floração primaveril de papoilas selvagens, violenta e efêmera. Ao observar o breve clarão de cor, Emily percebe que a beleza é preciosa precisamente por não poder ser sustentada. A terra em flor espelha a urgência feroz que impulsiona a sua própria partida.



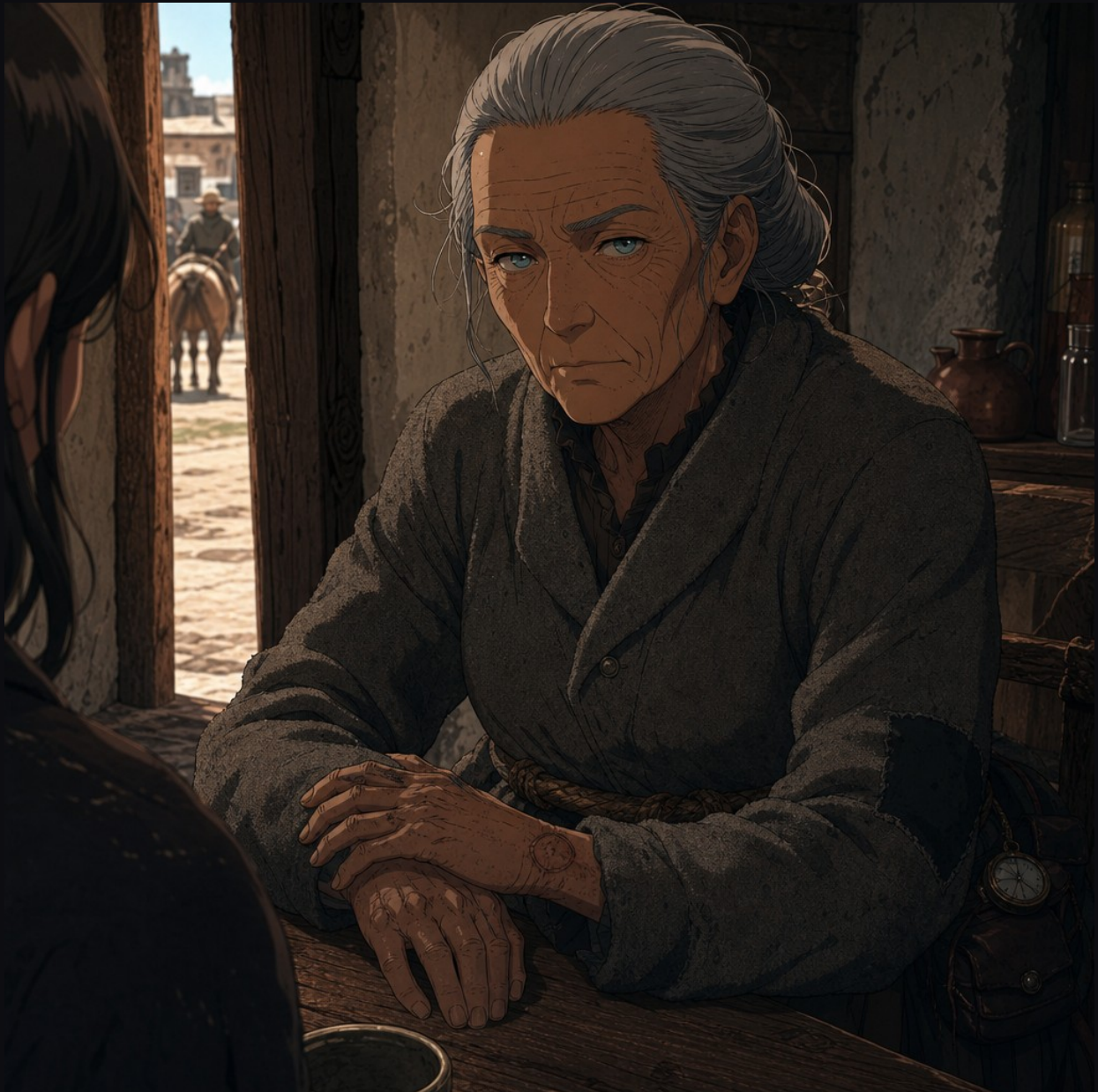
As botas de Emily atingem a estrada coberta de pó ao encontrar o seu primeiro companheiro de viagem, um almocreve cansado. Ela aprende rapidamente a sua primeira lição do mundo exterior: aqui, tudo é uma transação. A paisagem sente-se instantaneamente muito maior e menos tolerante do que os mapas da sua aldeia alguma vez sugeriram.



O desastre ataca rapidamente: Emily é violentamente roubada das suas moedas e mantimentos, ficando paralisada numa onda de vergonha e vulnerabilidade. No seu momento mais sombrio, ela é encontrada por Dora da Longa Milha. A viajante experiente e curtida não oferece pena, mas sim os inestimáveis ensinamentos de como sobreviver na estrada.



De um ponto de vantagem alto em calcário, Dora ensina a Emily como ler a linguagem corporal subtil dos estranhos lá em baixo. Emily aprende que a sobrevivência requer despojar-se das suas próprias esperanças e prestar atenção radical ao que realmente lá está. O mundo fala claramente, mas apenas para aqueles que verdadeiramente ouvem.



Dora e Emily entram no interior fumarento de uma pousada. As mãos com cicatrizes de Dora e o seu rosto desgastado revelam três décadas de sobrevivência sem concessões. Ela não é calorosa ou maternal, mas a sua honestidade absoluta e sem verniz fornece a Emily uma âncora nova e desesperadamente necessária num mundo caótico.



Deixando Dora a descansar, Emily permanece na sala comum da pousada, participando no ritual ancestral do mundo das viagens. Ela saboreia o sal áspero e a crosta carbonizada do pão queimado, o alimento básico da estrada. A cada dentada, ela percebe que cruzou um ponto invisível sem retorno.



Rodeada por transeuntes e almocreves, Emily senta-se num canto e escreve no livro de La Rosalía. Ela é agora apenas uma cliente sem nome, despida da sua identidade da aldeia. Ela debate-se com a constatação de que esta nova e total anonimidade é, simultaneamente, aterradora e imensamente libertadora.



Antes de seguirem caminhos separados, Emily senta-se nos degraus de calcário da pousada, processando as duras lições que absorveu. Ela percebe que a estrada não é cruel; é simplesmente e profundamente indiferente, o que lhe traz uma paz clarificadora. Ela agradece a Dora, que lhe põe na mão umas pequenas poupanças para substituir o que foi roubado.



Emily reúne metodicamente os seus pertences restantes, ajustando o peso da sua mochila com uma nova eficiência. Ela já não é apenas uma rapariga assustada que fugiu de casa; é uma viajante que decidiu de forma decisiva não voltar. Novamente sozinha, ela segue em frente, muito mais educada pela estrada.



Viajando profundamente no calor cintilante das planícies andaluzas, Emily descobre algo impossível: uma floresta densa e vasta de antigas figueiras. O perfume pesado e inebriante do açúcar a fermentar e do pó quente marca a sua entrada neste santuário feral e escondido.



Ao entrar na catedral de esmeralda, a temperatura cai instantaneamente naquele crepúsculo verde e mosqueado. Emily descobre uma antiga acequia mourisca, cujas ruínas de pedra estão agora completamente tomadas pelas enormes raízes prateadas das árvores. É um lugar de mistério silencioso, ecoando os sistemas de água do seu próprio lar.



Estendendo o braço, Emily prova os figos bravos Cuello de Dama, descobrindo uma doçura complexa e tostada que os frutos cultivados nunca poderiam igualar. Esta intensa explosão sensorial liga-a profundamente à terra rica em minerais e aos fantasmas de um império desaparecido.



Dominada pela exaustão acumulada da estrada, Emily rende-se ao sono num berço natural formado por raízes gigantes e retorcidas. Sob o dossel verde translúcido, ela encontra um santuário de absoluta segurança, descansando profundamente pela primeira vez desde que a sua viagem começou.



Antes de deixar o bosque fresco rumo às planícies agrestes, Emily embala cuidadosamente numa pequena provisão de linho alguns figos selvagens. Ela pressiona a mão contra os troncos antigos, sentindo uma profunda ligação com os séculos de calor resiliente armazenados nas profundezas da madeira.